

Hoje, bancos liberam US\$ 1,64 bi. E o Brasil já trata da dívida para 84.

O País já começa a concentrar esforços para o fechamento das contas externas de 1984 e os preparativos da Fase 3 da renegociação da dívida a vencer a partir de 1984, afirmou ontem fonte do setor financeiro, ao argumentar que nem ao Brasil nem aos credores interessa a persistência dos obstáculos ao ajuste do balanço de pagamentos deste ano.

Hoje, os bancos privados devem liberar US\$ 1,64 bilhão de parcelas retidas do jumbo de fevereiro último, o que permitirá ao País liquidar US\$ 1,2 bilhão de empréstimos-ponte junto aos próprios bancos.

No próximo sábado, o ministro do Planejamento, Delfim Neto, e o presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, esperam retornar ao Brasil do giro pela Espanha e Oriente Médio com o novo jumbo de US\$ 6,5 bilhões completo.

Além da adesão plena dos bancos árabes e espanhóis, o novo jumbo depende ainda do trabalho de convencimento dos bancos mais arreios dos Estados Unidos e da Europa pelo presidente do Comitê da Fase 2 da Renegociação da Dívida Externa Brasileira, William Rhodes, vice-presidente do Citibank.

Se as missões de Delfim e Pastore, pelo lado brasileiro, e de Rhodes, pelos credores, tiverem êxito, o contrato do novo jumbo será assinado na próxima semana, a tempo

de o País obter o desembolso da antecipação de US\$ 3 bilhões, indispensável para a eliminação dos atrasados e da centralização cambial, antes do dia 31.

Nem mesmo as vindas dos economistas do Fundo Monetário Internacional (FMI), Ana Maria Jul, Henri Ghesquiere e Aarno Liujsila e, a partir de quinta-feira próxima, dos do Subcomitê de Economia do Comitê de Assessoramento, Douglas Smee, do Banco de Montreal; James Nash, do Morgan Guaranty Trust, e Hans Grimm, da União de Bancos Suíços, representam sintomas de recuo dos banqueiros quanto às liberações hoje de US\$ 1,64 bilhão do jumbo de fevereiro e mais US\$ 3 bilhões da antecipação dos US\$ 6,5 bilhões até o final do mês.

Técnico do setor financeiro ressaltou que as visitas deste final de ano dos economistas do FMI e dos bancos privados ainda não chegam sequer a ameaçar a liberação da próxima parcela de US\$ 400 milhões do financiamento ampliado do Fundo ou a segunda tranche do novo jumbo. A liberação dos novos recursos do FMI em fevereiro dependerá dos resultados da missão técnica do Fundo que virá naquele mês e, se positivos, haverá o desembolso simultâneo também por parte dos bancos.

Longe de qualquer impasse, os economistas do FMI devem encerrar amanhã os trabalhos no Brasil. Jul trabalhou ontem em seu quar-

to, no Hotel Nacional e, hoje, informou que estará novamente no Banco Central e na Secretaria de Planejamento da Presidência da República para a coleta rotineira e final de dados.

De qualquer forma, fonte do setor financeiro confia em que o Brasil vai fechar o pacote da Fase 2 e terminar o ano com atrasos somente no pagamento dos juros sobre juros. Em sua opinião, apesar das incertezas devidas à posição britânica, "ninguém vai comprar briga a menos de 20 dias do final do ano, quando o Brasil precisa do pacote para fechar as contas externas de 1983, pagar os atrasados e eliminar a centralização cambial".

Dirigente de um banco estrangeiro integrante do Comitê de Coordenação da Fase 2 da Renegociação também revelou tranquilidade quanto ao fechamento das contas externas brasileiras deste ano. Ele espera que a viagem de Delfim e Pastore à Espanha e Oriente Médio e os permanentes contatos com banqueiros arredios dos Estados Unidos e da Europa permitam a montagem final do jumbo de US\$ 6,5 bilhões.

Segundo o executivo do banco estrangeiro, a decisão de um sindicato liderado pelo Wells Fargo Bank de declarar o Banco Francês e Brasileiro em default (inadimplente) constituiu caso isolado, sem maior repercussão na comunidade financeira internacional.